

**ALGUMAS IDÉIAS PARA SE PENSAR A DISTINÇÃO "ORDEM/ORGANIZAÇÃO"  
PROPOSTA POR ENI E A NECESSIDADE QUE ELA POSTULA DE SE RE-  
TRABALHAR COM MAIS ÊNFASE A NOÇÃO DE "SOCIAL".**

(Carolina)

A questão que se colocou na aula (em 13/agosto/93) é a de se haveria uma *ordem da língua* e uma *ordem do discurso*. Poderíamos pensar em duas alternativas.

Se pensarmos em '*ordem*' como *plano*, como *registro*, a resposta a essa questão será afirmativa. A língua e o discurso pertencem a planos diferentes: existiria, então, nesse sentido, uma ordem da língua (do significante, dos corpos, etc. --registro *imaginário*) e outra do discurso (do sentido, da Ideologia, do Outro, etc. --registro *simbólico*), com suas especificidades próprias e que não podem ser identificadas uma com a outra (e, ainda, uma *ordem natural*, inacessível, *ordem do impossível*).

Agora, se por '*ordem*' entendermos *conjunto de princípios, normas, preceitos*, etc., que regem uma determinada realidade, deveremos falar em uma *organização (imaginária) da língua* e em uma *ordem (simbólica) do discurso*, pois os princípios que regem a língua não são linguísticos, pertencem a uma ordem 'exterior' a ela: o discurso ('*organização*', por outro lado, remete a *estruturação, disposição, sistematicidade*, etc., noções associadas à noção de *língua*).

A opção por uma ou outra resposta não parece ser muito simples. Mesmo por que deveria se pensar se ambas necessariamente se opõem e de que maneira (pois a própria expressão *ordem da língua* é 'ambígua' e permite uma 'passagem' entre ambas: *ordem linguística (significante)* --primeira interpretação-- ou *ordem à qual pertence a língua (e explica sua organização): o discurso* --segunda interpretação).

Tentaremos discutir aqui a segunda alternativa, remetendo (parafraseando) os conceitos clássicos da AD a essa nova distinção proposta por Eni, entendida desta maneira. Não porque nos pareça a solução definitiva, mas apenas porque pensamos que ela pode ser produtiva no quadro dos conceitos da AD e porque a discussão e as 'paráfrases' a serem feitas podem servir para determinar o alcance e os limites dessa interpretação e para se pensar no assunto (e é este o intuito destas linhas, o de suscitar uma discussão).

Podemos dizer, então, que a *organização da língua é da ordem do discurso*, que é a *ordem do discurso (sentido --> história, ideologia) que determina como se organiza a língua (forma, materialidade)* --neste sentido, a *ordem da língua é o discurso* (o discurso ordena a língua, sua organização, como já dissemos).

(A *organização* --da língua-- constituiria a *realidade (material) imaginária da ordem simbólica (imaterial)* do discurso, parafraseando Foucault (II), que fala na '*materialidade do incorpóreo*' --em outras palavras, na '*positividade*' do '*negativo*').

Só que essa '*ordem*' determina essa '*organização*' mas, ao mesmo tempo, não pré-existe a ela --o *sentido* determina a *forma* mas não pré-existe a ela. A *ordem do discurso (se) materializa (n)a organização da língua* (é '*EXTERIOR*' a ela mas *constitutiva* do seu *INTERIOR* e não existe fora desse '*interior*').

Logo, só remetendo essa *organização* (língua) a essa *ordem* (discurso) é que essa organização pode ser explicada (e essa ordem pode ser reconhecida/analizada).

O **OBJETO** do analista do discurso seria, portanto, essa *ordem 'exterior'* (do discurso) que (*só*) é reconhecível na *organização interior (da língua)*. Esta última constitui seu material, sua **UNIDADE** de análise --relação que remete à distinção *texto --> discurso*, na AD (e que determina a diferença entre esta e a Linguística --a Linguística textual, neste caso específico):

UNIDADE ----> OBJETO	
de análise	de análise
<i>texto</i>	<i>discurso</i>
<i>textualidade</i>	<i>discursividade</i>
' <i>organização</i> ' textual	' <i>ordem</i> ' discursiva

Nesse sentido, poderíamos dizer que tanto o *linguista* como o *analista do discurso* trabalham com o 'mesmo' material: a língua/sua organização (formal), mas o objeto é diferente: para o linguista, o objeto é a língua, sua *organização*, para o analista do discurso, o discurso, essa *ordem* 'exterior', da qual essa *organização* formal da língua é *marca, sintoma*. (consequentemente, o modo de trabalhar com ela também será diferente --pois aquilo que para o linguista é objeto, a língua, para o analista do discurso é *pressuposto*, lugar onde se *materializa* seu objeto, o discurso, como afirma Pêcheux, III).

Isto é, o analista do discurso trabalha na *organização da língua (forma)* para reconhecer nela a *ordem do discurso (sentido --> história, ideologia)* e assim explicar a própria *língua (forma)*.

Retomando a afirmação de Eni (III: 116) de que *a AD não é um mais um nível de análise da língua, mas um ponto de vista diferente de se trabalhar com todos os níveis*, podemos dizer que *o discurso não é mais um nível na organização ('interior') da língua, mas uma ordem diferente ('exterior') que a determina (determina essa organização, esses níveis) --e que, ao mesmo tempo, só existe nela/por ela<sup>1</sup>:*

- ordem que só se dá em/por essa *organização (discurso em/pela língua)*
- *organização* que só se explica em/por essa *ordem (língua base material do discurso)*

Poderíamos representar o que está sendo dito no seguinte quadro:

---

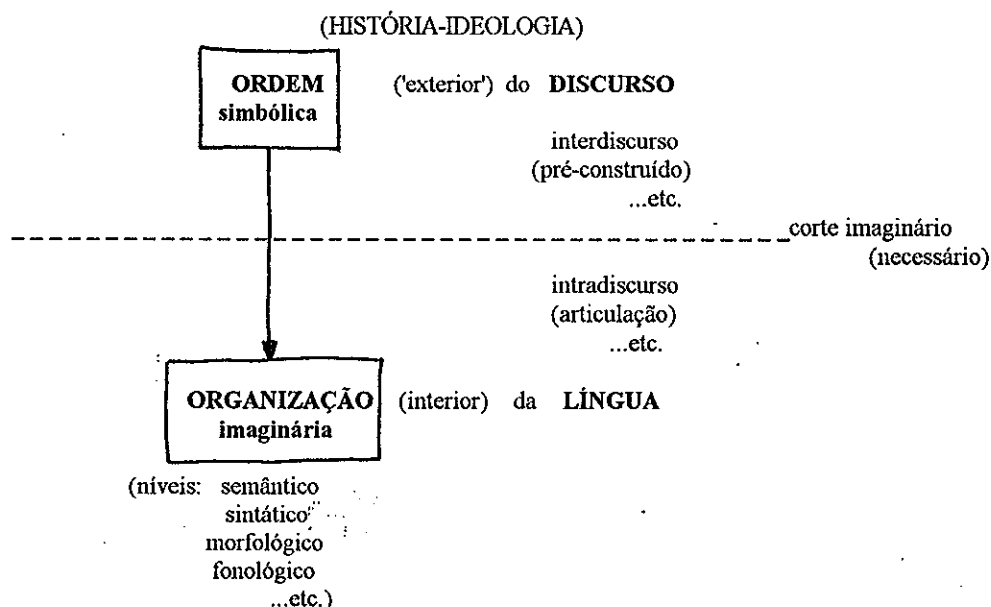
<sup>1</sup> - Utilizando a mesma distinção, podemos pensar que, em Foucault (I), a *organização interior* de *Las Meninas* de Velázquez (disposição/postura dos personagens) está dada/determinada por/em uma *ordem* 'exterior' ao quadro (olhar de fora).

Trata-se de um *olhar de fora* (ORDEM 'EXTERIOR') que (só) pode ser reconhecido na *disposição/postura dos personagens dentro* (ORGANIZAÇÃO INTERIOR) do quadro

ou de uma *disposição/postura dos personagens dentro* (ORGANIZAÇÃO INTERIOR) do quadro que (só) pode ser explicada por/a partir do *olhar de fora* (ORDEM 'EXTERIOR').

i.e., **ORDEM 'EXTERIOR' QUE ORGANIZA O INTERIOR / IMPRIME-SE NELE / NÃO PRÉ-EXISTE A ELE.**

Poderíamos também pensar que a '*organização*' -imaginária- da *cadeia de significantes* que constitui o sujeito (Lacan) está determinada por uma '*ordem*' -simbólica- exterior (mas impressa nela): *o Inconsciente, o Outro*. Nesse mesmo sentido, Masotta (cf. XII) retoma a metáfora de Lacan do sujeito como um *livro cujos capítulos estão dispostos de acordo com um capítulo que 'falta'* --poderíamos parafrasear: '*organização*' imaginária do livro, '*conexão*' entre os capítulos determinada em/pela '*ordem*' simbólica 'exterior' (Inconsciente, Outro), mas constitutiva dele. Se (ainda Masotta) '*o freudismo não é uma teoria sobre as funções do significado, mas sim uma teoria sobre as articulações do significante*', podemos dizer que o que '*articula*', '*conecta*', '*organiza*' o significante é essa '*ordem*' simbólica 'externa'. (Esta definição permite pensar na psicanálise como disciplina de '*entremeios*', na expressão de Eni para a AD; a definição remete, ainda, à mudança operada na AD, apontada por Pêcheux e por Eni, da *função* para o *funcionamento* da linguagem.)

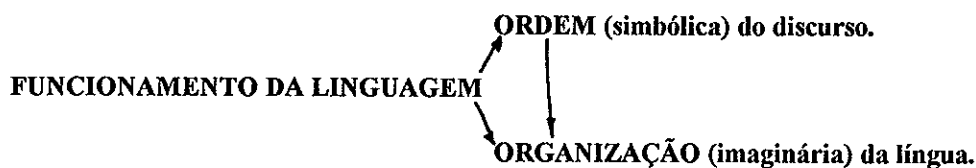


Para a AD essa linha apontada no quadro marcaria uma '*clôture*' (para utilizar o termo visto na aula)<sup>2</sup>, uma *ilusão necessária*, um *efeito ideológico* para que a língua funcione: a *autonomia* de sua *organização interna* é apenas *relativa*, ela está inscrita numa *ordem exterior* que, porém, não lhe é *externa*, mas *constitutiva*.

Para a Linguística, como sabemos, esse 'corte' é absoluto, marca uma '*fermeture*', o que lhe permite analisar a língua como um sistema *formal* autônomo (do sentido --do sujeito da história). Isto é, a Linguística considera que a '*organização interna*' (*formal*) da língua é *independente* dessa '*ordem externa*' (*do sentido*); que essa organização resulta das relações *internas* entre seus elementos e que, por isso, pode ser analisada immanentemente.

A AD, sem negar a realidade/efetividade (/positividade) da *organização* da língua, a *descentra*, ao remetê-la à *ordem* do discurso em/pela qual se explica. Retomando o que diz Eni (cf. VII: nota 1, p.14), que na AD não se fala na *organização da linguagem* mas no seu *funcionamento*, podemos dizer, dentro da interpretação que está sendo feita da distinção proposta entre ordem/organização, que na AD se pode falar em *organização da língua* e em *ordem do discurso*, e que é a *relação*, a *remissão* da primeira à segunda que *explica o funcionamento da linguagem*. Na AD seria então:

não '*organização da linguagem*' (Linguística) mas



Manter a distinção *ordem/organização* dessa maneira pode ser interessante para entender a '*lógica*' dos outros conceitos da AD. Lembremos que na AD se critica, por exemplo, a noção de *língua* tal como tratada pela Linguística, mas nem por isso essa noção é *dissolvida*: ela é *descentrada*, ao ser *remetida* a outra *ordem* (o discurso) para explicá-la, e esse descentramento, essa *remissão* a re-define.

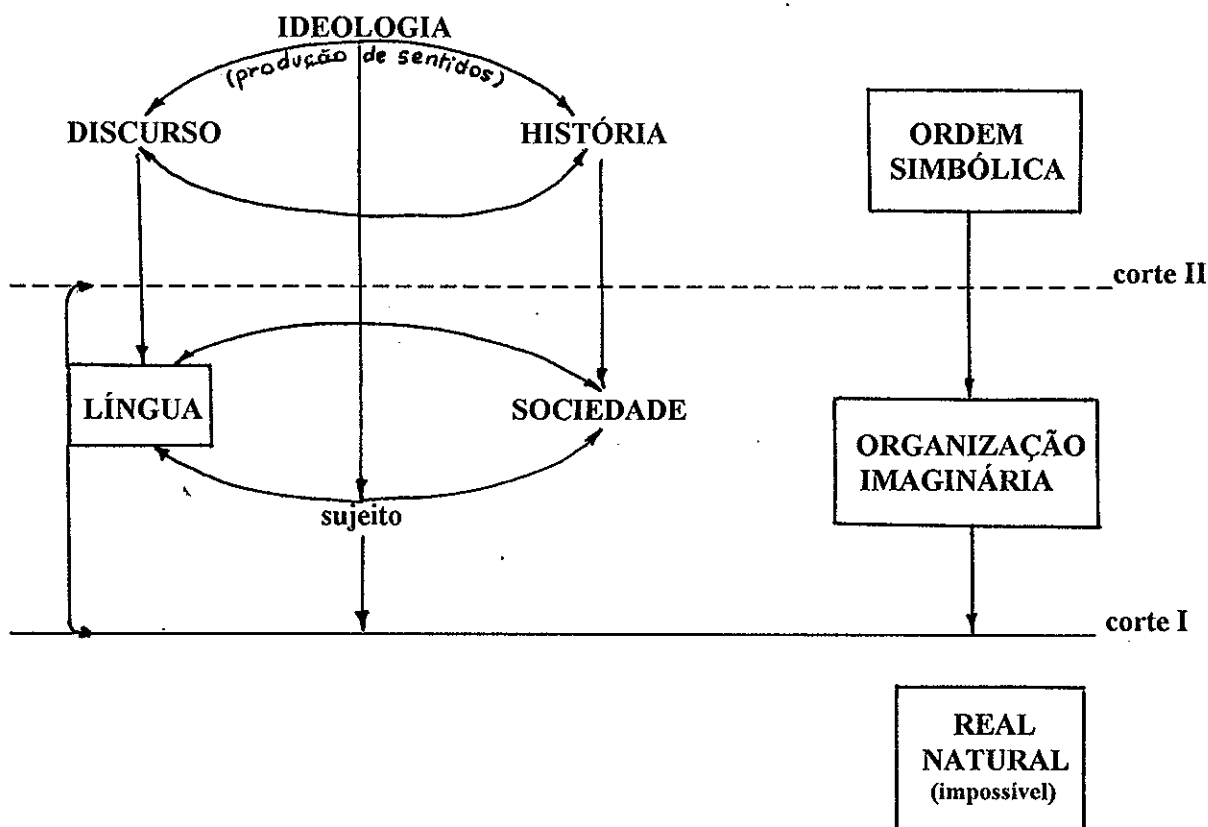
<sup>2</sup> Kitty propõe traduzir a distinção *clôture/fermeture* (utilizada por Marandin) por *fecho/fim* (de Solange).

Ainda mais, a noção de língua não só não é diluída como adquire na AD um estatuto inclusive mais 'importante', uma vez que não é mero 'veículo' de transmissão de sentidos (externos) por um sujeito (preconstituído) e sim *o próprio lugar material em/pelo qual esses sentidos e esse sujeito se constituem*.

Nesse sentido, a necessidade de criticar a noção de *organização* da língua tal como tratada pela Linguística não é motivo para abandoná-la (*esse* não pode ser o argumento, outros sim): é motivo, sim, para **redefini-la**, *colocando-a no seu devido lugar (realidade imaginária/ilusória --porém necessária) e remetendo-a à ordem do discurso que ela materializa/pela qual ela se explica*.

Lembremos que na AD é preciso evitar cair nas duas 'tentativas' *idealistas* que aponta Pêcheux (VIII, IX, X) (já que a AD se pretende, justamente, uma teoria *materialista*): a do *logicismo* e a do *sociologismo*, ou, nas palavras de Eni, a do *formalismo* e a do *conteudismo*, que marcam a Linguística e as Ciências Sociais. E a única maneira de evitá-lo é a de *não diluir* nenhum desses dois 'pólos' e trabalhar em sua *relação*, nas suas '*margens*', no seu '*entremeio*' (como diz Eni). Por isso na AD se trabalha na relação *língua-discurso*, *sociedade-história* (nesse sentido poderíamos pensar na relação *ordem-organização*).

Poderíamos, ampliando o quadro anterior, visualizar essas relações no seguinte esquema:



Tendo presente esse esquema, podemos pensar na necessidade que Eni postula de se re-trabalhar com mais ênfase a noção de '*social*'.

Assim como a *língua*, sua organização, constitui para a Linguística uma realidade autônoma (do discurso, da ideologia), poderíamos pensar que a *sociedade* constitui para a Socio (etno-, etc.) linguística, para a Pragmática, etc., uma realidade autônoma (da história, da ideologia). Lembremos que, ao mesmo

tempo, *língua* e *sociedade* nesse quadro se constituem <sup>de maneira</sup> autônoma entre si, são realidades *correlativas*. O *social*, nessas disciplinas, está associado ao *uso em contexto* da língua, *organizado* por regras (conversacionais, etc.) impostas a ele pela sociedade, de acordo com a idade, sexo, classe social, etc., do sujeito que enuncia e com as características da situação concreta de enunciação.

A AD propõe o conceito de *condições de produção* para criticar essa visão redutora do social, sob a forma de *contexto linguístico (imediato)*. Mas, é isso que me parece o mais importante no postulado de Eni, a noção de *social*, se a pensarmos em termos de *situação 'concreta'*, de *contexto imediato de enunciação*, não deve ser dissolvida, ela deve ser trabalhada, re-definida, *remetida às condições* que a determinam (assim como a noção de língua é re-definida/remetida ao discurso que a determina).

Assim como a noção de *língua* adquire um estatuto fundamental na AD, como *materialidade concreta do discurso*, poderíamos pensar que o *social* constitui a *materialidade concreta da história* (junto com a língua) e que, por isso, seu estatuto deve ser re-considerado/re-valorizado. Para utilizar a distinção que vimos discutindo, poderíamos pensar que assim com a *organização da língua (níveis, etc) está determinada pela ordem do discurso (da história, da ideologia)*, a *organização social (classes, divisões, etc.) está determinada pela ordem da história (da ideologia, do discurso)*.

E é porque essa dupla determinação é uma determinação *simbólica* e a *materialidade simbólica* por excelência é a *LÍNGUA (nem linguagem, nem fala, nem discurso, nem interação..., mas a língua, como diz Pêcheux, XI: 55)*, que a noção de *língua*, tal como concebida na AD, têm um estatuto tão importante e uma opacidade que deve ser trabalhada, não só pelas disciplinas que se ocupam por explicá-la --Linguística, AD--, mas também pela psicanálise (que tenta explicar o funcionamento do *sujeito*) e pelas ciências humanas (que tentam explicar o funcionamento da *sociedade* e da *história*) --pois nela/por ela se materializa essa ordem do discurso, da história (Inconsciente, Ideologia) em/pela qual se constituem, conjuntamente (e não separadamente, como na Linguística), língua, sujeito e sociedade. Daí a 'trilogia' Marx, Freud, Lacan, e a importância da noção de *língua* de que fala Pêcheux, op. cit. Daí, também, a afirmação de Eni (IV) de que a AD (ao definir seu objeto, o discurso, e sua materialidade específica, a língua) se constitui como uma 'desdisciplina', que interroga à Linguística pela historicidade que ela apaga, e as Ciências Sociais pela transparência da linguagem sobre a qual elas se assentam (p.3).

Lembrando da discussão surgida na aula sobre se o discurso seria um *objeto social*, podemos dizer, tendo presente o quadro acima, que *o discurso é um objeto histórico (ideológico) que se produz/elabora socialmente em/atraves de sua materialidade específica, que é a língua*.

Isto é, se nem a *organização da língua* nem a *organização social*, nem o *sujeito* que fala essa língua e vive nessa sociedade, são autônomos, mas estão *determinados numa outra ordem*, essa outra ordem *só se constitui em/a apartir de uma situação concreta, através de um sujeito concreto e da organização concreta da língua*. Pêcheux (VIII: 15-16), ao se referir ao conceito de condições de produção, diz:

(...) les processus discursifs (...) ne sauraient avoir leur origine dans le sujet. Néanmoins ils se réalisent dans ce même sujet (...).

(...) ce qui manquait [na AAD 69] e qui manque encore en partie, c'est une théorie non subjective de la constitution du sujet dans sa situation concrète d'énonciateur. Le fait qu'il s'agisse d'une illusion n'empêche pas la nécessité de cette illusion et impose comme tâche au moins d'en décrire la structure (...) et peut-être aussi d'articuler la description de cette illusion à (...) l'oubli no. 1

Ele acrescenta, ainda, no final do mesmo artigo:

(...) sans autre <garde-fou> [resguardo, respaldo, ...] que la <méthode expérimentale> on tombe presque inévitablement dans la psychologie social des situations, et dans l'idéalisme qui en est corrélatif. (p.30).

É nesse sentido que podemos entender a necessidade de se re-pensar, de se trabalhar com as noções de *língua* (como postula Pêcheux) e de *social* (como postula Eni) pois é nelas, em/por sua *realidade imaginária*, que o discurso e a história (enquanto *trabalho simbólico, produção de sentidos*) se constroem. É a única forma de não se cair, como foi dito, no idealismo, sob a forma do que Eni chama a

'perfidia da interpretação', que define o discurso e a história (a ideologia) como 'conteúdos' externos à materialidade específica/concreta da língua e da sociedade e não como *mecanismos*, como *processos* inerentes a ela/construídos nela.

Isso vai ao encontro do que diz Pêcheux (XI: 56-7) a propósito da necessidade de se evitar o risco de apagar a realidade do acontecimento 'através de sua absorção em uma sobreinterpretação antecipadora' da estrutura, da série na qual se insere e que o determina, risco de se pensar o discurso como uma máquina sobredeterminadora voltada para a repetição. Para isso é preciso, diz ele, analisar o discurso como *estrutura (determinadora)* e como *acontecimento (concreto)*, pois se esse acontecimento está (pré)determinado pela estrutura, pelas redes de filiações que o precedem (memória histórica), ele é ao mesmo tempo o lugar material onde essas redes se estruturam e podem ser desestruturadas-reestruturadas (cf. Pêcheux, idem). O discurso é, continua Pêcheux, espaço de repetição e de deslocamentos; nas palavras de Eni, possibilidade de paráfrase e de polissemia, e é esse movimento de sentidos que determina a história e o funcionamento da linguagem.

Pois se o discurso e a história determinam a língua, o sujeito e as relações sociais, eles só se constroem/são reconhecíveis/analisáveis em/apartir do trabalho imaginário de um sujeito concreto, em situações sociais concretas, em/pela materialidade concreta da língua, ainda que esse trabalho não se origine nele e escape ao controle de sua consciência e de suas intenções, pelo duplo descentramento do inconsciente e da ideologia, materialmente ligados na língua.

~~Recomendo mais uma vez as palavras de Eni: é preciso evitar os riscos do formalismo e o do contextualismo e trabalhar sempre nas margens, nos entrecantos, onde os sentidos produzem seus efeitos (e constituem a história).~~

## BIBLIOGRAFIA.

- I. FOUCAULT, M., *Las palabras y las cosas*. México, Siglo XXI, 1974 (1a. ed. francês ), pp. 13-25.
- III. FOUCAULT, M., *El orden del discurso*. Barcelona, Tusquets Editora, 1980 (1a. ed. em francês 1970).
- IV. ORLANDI, E., *A Linguagem e seu Funcionamento*. Campinas, Pontes, 1987 (1a. ed. 1983).
- V. \_\_\_\_\_, 'Entremeio e Discurso'.
- VI. \_\_\_\_\_, 'O Lugar das Sistematicidades Linguísticas na Análise do Discurso'.
- VII. \_\_\_\_\_, 'Discurso: Dado, Fato, Exterioridade'.
- VIII. \_\_\_\_\_, 'Autoria e Interpretação'.
- IX. PÊCHEUX, M., 'Mises au points et perspectives à propos de l'analyse automatique du discours', *Langages*, 37.
- X. \_\_\_\_\_, 'Y a-t-il une voie pour la linguistique hors du logicisme et du sociologisme? .
- XL. \_\_\_\_\_, *O Discurso: Estrutura ou Acontecimento?* Campinas, Pontes, 1990.
- XII. MASOTTA, O., *Introdução à Leitura de Lacan*. Campinas, Papirus, 1988 (1a. ed. em espanhol 1985).